

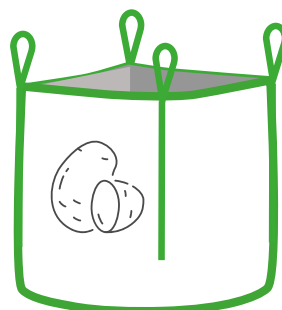
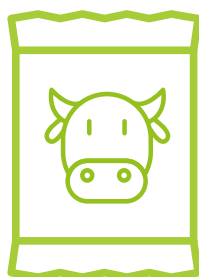


valorfito® @tual

Juntos por amor à terra.

Nº 42 // outubro 2024

Valorfito integra novos fluxos de resíduos agrícolas na sua licença



A partir de 1 de janeiro de 2025, os Pontos de Retoma Valorfito passarão a receber embalagens vazias, primárias e secundárias, de fertilizantes, rações, batata de semente, fitofármacos, sementes e biocidas. António Lopes Dias, Diretor-Geral do Valorfito, fala-nos da nova licença da Sigeru, válida até 2034.

O Valorfito renovou a sua licença até 2034 e terá responsabilidades alargadas na gestão dos resíduos agrícolas. Como encara este desafio?

Por um lado, este novo desafio é um reconhecimento por parte das autoridades e não só, do trabalho positivo que temos vindo a desenvolver ao longo dos anos. Por outro lado, é uma responsabilidade acrescida. Estamos a falar de acrescentar aos atuais mais 3 fluxos,

mais as embalagens secundárias. Vai exigir do Valorfito uma capacidade de resposta muito grande. Esperamos também que os produtores agropecuários estejam sensibilizados para o destino correto a dar às embalagens e, para além disso, que os Pontos de Retoma se mantenham empenhados e motivados.

O que está a ser feito para operacionalizar a gestão dos novos fluxos de resíduos?

Acabámos de lançar um novo concurso para seleção de Operadores de Gestão de Resíduos, que são as empresas que vão executar as tarefas de recolha, transporte e tratamento dos resíduos. A nossa capacidade de resposta assenta muito na capacidade de resposta destas empresas. Estamos também a proceder às necessárias alterações à nossa Extranet, para que no início de 2025 esteja adequada à nova realidade.



“Aumentaremos significativamente a nossa capacidade de resposta na recolha dos resíduos”, garante António Lopes Dias, Diretor-Geral do Valorfito

Qual é a ambição do Valorfito quanto à taxa de retoma para os novos fluxos de resíduos?

Os objetivos de taxas de retoma estão estabelecidos na licença. Para 2025 o objetivo é de 50%. Mas sinceramente acho demasiado ambicioso. Propusemos 35% à APA- Agência Portuguesa do Ambiente, mas não foi aceite. É que a entrada de novos fluxos representa um volume muito maior do que temos atualmente. E nos primeiros anos a experiência diz-nos que a resposta é mais lenta, daí que a nossa previsão é que a atual taxa de retoma global vá baixar significativamente em 2025, para depois ir recuperando gradualmente.

As embalagens vazias de fertilizantes, batata semente e rações poderão ser entregues em qualquer Ponto de Retoma Valorfito?

Poderão ser entregues em qualquer Ponto de Retoma Valorfito a partir de 1 de janeiro de 2025. Manteremos a nossa disponibilidade de poder ir recolher resíduos diretamente nas grandes explorações agrícolas como aliás já estamos a fazer.

Que cuidados devem ter os agricultores antes da entrega das embalagens vazias de fertilizantes, batata semente e rações?

Não são precisos cuidados especiais dado que são resíduos não perigosos. É importante esvaziar completamente o conteúdo da embalagem, procurar reduzir o seu volume e finalmente colocá-la num saco Valorfito. Podem ser misturadas com outras embalagens como por exemplo fitofármacos ou sementes.

«Os sacos serão iguais para todos os fluxos de resíduos. Iremos recolher tudo junto»

Quanto aos resíduos de embalagens secundárias, agora também abrangidos pela nova licença do Valorfito, quais são os tipos de materiais predominantes e de que volumes estamos a falar?

A nova licença abrange as embalagens secundárias de todos os fluxos de resíduos. O material é essencialmente cartão. São caixas de cartão que normalmente acondicionam as embalagens primárias. Quanto a quantidades não temos certezas, apenas estimativas. Estimamos que sejam declaradas anualmente cerca de 500 toneladas de embalagens secundárias.

O Valorfito disponibilizará sacos de cores, materiais e/ou dimensões diferentes para acondicionar cada um dos novos fluxos de resíduos?

Os sacos a disponibilizar serão iguais para todos os fluxos e os mesmos que temos hoje. Seria impensável pedir aos agricultores que separassem as embalagens por tipo de produto e, para além disso, seria uma prática que traria muita complexidade ao sistema. Iremos, portanto, recolher tudo junto. Faremos depois operações de triagem aleatórias para estimar o que recolhemos de cada fluxo.

Prevê-se aumentar o número de recolhas anuais nos Pontos de Retoma para fazer face ao previsível maior volume de resíduos?

O aumento de número de recolhas será inevitável dado o acréscimo de volume de resíduos a recolher em cada Ponto de Retoma. É por isso que estamos a trabalhar para dar uma resposta adequada às novas exigências.

O Valorfito conseguirá atingir a meta de 60% de taxa de retoma em 2024?

Estamos convictos ou pelo menos esperançados que vamos atingir essa meta em 2024. Estamos no bom caminho, uma vez que ao momento estamos com um acréscimo de cerca de 10% de volume de resíduos recolhidos face a igual período do ano passado.

A taxa de reciclagem média do sistema Valorfito (56,5% em 2023 vs. 16% média nacional) poderá ser superada nos próximos anos? Quais são as oportunidades e os desafios?

Como a taxa de retoma é indexada às embalagens declaradas, com a chegada de novos fluxos é expectável que baixe nos próximos anos. Embora vá crescer em valor absoluto vai baixar em valor relativo. Temos a oportunidade de enviar para reciclagem maior quantidade de resíduos, mas o desafio está na resposta que os agricultores vão dar na entrega das embalagens principalmente nos primeiros anos.

Que melhorias pretende implementar no Sistema no curto prazo?

Acima de tudo aumentar significativamente a nossa capacidade de resposta, uma vez que vamos ter muito mais solicitações de recolha ao nível dos Pontos de Retoma. Esse é que vai ser o grande desafio da nova licença.

Em que posição da 'tabela' europeia está Portugal na gestão de resíduos agrícolas?

A nível europeu Portugal está muito bem posicionado. Somos considerados um país com um sistema maduro, enquanto outros estão agora a iniciar-se ou estão numa fase de adaptação e crescimento.



Indústria de rações movimentada 13 milhões de embalagens

Papel, plástico ou rafia. A partir de 1 de janeiro de 2025, todas as embalagens vazias de rações devem ser entregues num Ponto de Retoma Valorfito.

A indústria de rações reconhece a mais-valia de aderir ao Sistema Valorfito e explica como está a contribuir para um sistema agroalimentar mais amigo do ambiente.

Leia a entrevista com Jaime Piçarra, Secretário-Geral da IACA- Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais.

Como caracteriza o setor dos alimentos compostos para animais (rações) em Portugal?

Existem 117 empresas registadas como fabricantes de rações em Portugal, embora algumas sem atividade. A IACA tem 60 associados e representa 80% da indústria portuguesa de alimentos compostos, incluindo as empresas de pré-misturas e aditivos.

O mercado das rações está relativamente estagnado a nível europeu (em ligeira quebra nos últimos dois anos), devido a correntes de opinião pouco favoráveis à pecuária e ao consumo de carne, para além da redução de efetivos, quer devido a questões sanitárias, quer devido aos elevados custos que têm conduzido ao abandono da atividade da parte de muitos produtores pecuários. Em Portugal, no entanto, verifica-se um relativo aumento do consumo de carne, impulsionado pela carne de aves.

No entanto, também temos por cá as mesmas correntes de opinião e os mesmos fundamentalismos e há que ter isso em linha de conta enquanto ameaça.

Há uma tendência de crescimento do consumo de rações no segmento pet-food (animais de companhia) e uma relativa estagnação no segmento dos animais de criação.

Portugal produz 4,2 milhões de toneladas de ração, 41% para o segmento das aves e ovos, 24% para bovinos de carne e de leite, mais ou menos semelhante nos suínos e na ordem dos 10% para as outras espécies animais, incluindo os animais de companhia que representam já cerca de 5% no segmento que denominamos de “outros animais”.

O volume de negócios da indústria atingiu os 2,3 mil milhões de euros/ano em 2023, é um recorde absoluto, devido ao aumento dos preços provocado pela guerra na Ucrânia. Somos um dos grandes players da agroindústria portuguesa. Se considerarmos a denominada “indústria pecuária”, ou seja, a alimentação animal, carnes e leite, estão em causa 45% do agroalimentar. É possível imaginar ou conceber a formulação de políticas públicas ignorando esta realidade socioeconómica? A importância da atividade pecuária?

Naturalmente que temos vulnerabilidades que importa resolver ou mitigar. Importamos 80% das matérias-primas de que precisamos, sobretudo cereais e proteína para alimentação animal. É um drama que temos em Portugal, em especial nos cereais. As áreas de produção de cereais devem ser “acarinhas”, porque precisamos de ter stocks estratégicos. A nossa resiliência começa pela redução da dependência de importações. É urgente, em minha opinião, reativar o Plano Estratégico Nacional da Promoção da Produção de Cereais.

Que estratégias tem a indústria de rações adotado para reduzir o impacto ambiental dos seus produtos?

A indústria tem vindo a apostar em energias renováveis, na redução do consumo de água e na melhoria da eficiência do processo produtivo. Em termos de produtos, temos vindo a melhorar os nossos índices de conversão, isto é, utilização de menor quantidade de alimento por unidade de produto final (carne, leite, ovos).

Temos adotado uma alimentação de precisão e apostamos na economia circular. Aliás a indústria de rações nasceu nos anos 60 do século passado aproveitando os coprodutos dos cereais e das oleaginosas (sêmeas, bagaços de soja, colza e girassol). Atualmente, mais de um terço das matérias-primas que utilizamos são coprodutos da indústria agroalimentar.

A indústria participa em vários projetos de investigação, inovação e experimentação, como o FeedValue (utilização de coprodutos das indústrias alimentares, repiso de tomate, dreche de cerveja, bagaço de azeitona e de uva e polpa de maçã, no fabrico de rações); o InsectERA (utilização de farinhas e óleos de insetos) e outros na área da valorização dos resíduos das explorações pecuárias na agricultura e a redução do uso de antibióticos na produção pecuária. A IACA apoiou o GPP na definição do modelo do Ecoregime de Eficiência Alimentar, no âmbito do PEPAC, e participa num projeto a nível europeu sobre etiquetagem verde, ou seja, os formuladores estão a começar a contabilizar a pegada ecológica de cada ração. Mais cedo ou mais tarde, essa informação passará a constar nas embalagens das rações e a indústria tem de estar preparada, até porque as matérias-primas representam

“Importamos 80% das nossas matérias-primas. É um drama que temos em Portugal”, Jaime Piçarra, Secretário-Geral da IACA



45% da pegada ambiental dos produtos animais. Temos uma grande responsabilidade em iniciar todo este caminho. No entanto, o consumidor final é que vai ter de interpretar esses rótulos, o que significa que as carnes, o leite e os ovos também vão responder necessariamente e rotular os seus produtos. Trata-se de desafios interessantes e relevantes se queremos ter uma imagem mais positiva, porque vai ajudar a “desmistificar” muitas ideias erradas, e preconceituosas. Todos temos de fazer a nossa parte.

Quais são os principais tipos de materiais das embalagens das rações? E que quantidade de resíduos é gerada anualmente?

A indústria de rações em Portugal movimentada anualmente cerca de 13 milhões de unidades de embalagens, das quais 10 milhões são de papel e 2 a 3 milhões são de rafia e de plástico. O plástico limita-se praticamente à envolvente dos sacos nas paletes. Atenção porque enquanto no papel são dados relativamente fi-

dedignos, na rafia e plástico, são estimativas. A certeza é a de que cada vez existe mais rações a granel, por isso, menos embalagens, e dessas, a aposta no papel.

Atualmente, há maior adesão ao papel por parte da indústria, em detrimento do plástico e da rafia. Porém, os tacos ainda são embalados em rafia e muitas explorações pecuárias compram rações a granel, transportadas em big bags (plástico).

Atualmente, como são geridos os resíduos das embalagens das rações?

Os sacos vazios acabam por ficar nas explorações pecuárias e é o produtor pecuário quem faz a gestão dos resíduos. Os sacos de rafia muitas vezes são aproveitados para guardar batatas ou cebolas ou outros produtos utilizados nas explorações agrícolas. Noutros casos, por exemplo de devoluções, as empresas valorizam essas embalagens canalizando-as para a reciclagem, através de empresas licenciadas para tal.

Dei-me conta de que ainda há associadas nossas a pagar para a Sociedade Ponto Verde, embora não fossem obrigadas a tal, mas fazem-no porque têm outro tipo de embalagens do B2B cuja gestão têm de delegar numa entidade gestora de resíduos. Digamos que neste momento existem todas estas situações, mas existe uma grande preocupação com o ambiente e a gestão dos resíduos.

A partir de janeiro de 2025, o Sistema Valorfito passa a gerir os resíduos de embalagens primárias e secundárias de rações. É uma mais-valia para a indústria?

Falamos de muitos milhões de sacos que passarão a ser geridos pelo Sistema Valorfito, e muito bem! Nós estamos desejosos que esta parceria se inicie porque queremos transferir esta responsabilidade e a gestão dos resíduos é relevante como componente de proteção ambiental. O Valorfito contribuirá de forma decisiva para que os resíduos da nossa indústria tenham um encaminhamento adequado e, desta

forma, sejamos mais sustentáveis em termos ambientais. É uma mais-valia que finalmente é possível, pois até agora havia um vazio legal.

Temos realizado alguns webinars com a participação do Valorfito e dos nossos associados, estamos a aprender sobre o funcionamento do Sistema.

A indústria de rações pode dar um contributo para que o sistema agroalimentar seja mais amigo do ambiente e para que não restem dúvidas quanto ao compromisso do setor agropecuário com o futuro do Planeta.

O facto de o Sistema Valorfito contar com uma vasta rede de pontos de retoma no universo agrícola é vantajoso?

Sem dúvida que sim. A rede de Pontos de Retoma Valorfito está em zonas agrícolas. Falamos todos a mesma linguagem, fornecemos inputs para uso agrícola, faz todo o sentido.

A indústria de rações em Portugal*

4,2 milhões toneladas

2,3 mil milhões de euros

60 empresas

*Indústrias associadas da IACA.
Volume e valor anual.
Fonte: IACA

Resíduos de embalagens da indústria de rações*



Papel

10 milhões unidades



Plástico e rafia

3 milhões unidades

*Indústrias associadas da IACA. Volume anual. Fonte: IACA



Por amor à terra, entregue
as embalagens vazias
de produtos fitofarmacêuticos,
biocidas e de sementes num
Ponto de Retoma Valorfito®.

Faça como a Família Prudêncio®.
Deixe que o amor desça à sua terra
e cuide da Terra de todos nós.



Informe-se em www.valorfito.com
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés
T. +351 214 107 209 // contacto.valorfito@sigeru.pt

www.valorfito.com

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens
e Resíduos em Agricultura, Lda.